

Nenhum Estado tem autoridade moral ou vontade para atacar esta carnificina

12 de Janeiro, 2016 - 14:45h

A Arábia Saudita tem pouco com que se preocupar. Lembremo-nos que no Conselho Geral da ONU estão defensores dos direitos humanos tão irrepreensíveis como a China ou a Rússia. Artigo de Robert Fisk.

Quando a Arábia Saudita foi eleita para o Conselho de Direitos Humanos da ONU em 2013 ? com a ajuda de David Cameron ? todos reconhecemos que era uma farsa. Agora, algumas horas depois de muçulmanos sunitas sauditas terem decapitado 47 inimigos, incluindo um proeminente líder religioso muçulmano e xiíta, o ato saudita foi grotesco. Claro, o mundo dos direitos humanos está indignado ? o Irão xiíta fala no ?castigo divino? que irá destruir a Casa de Saud. Multidões atacam a embaixada saudita em Teerão. O que há de novo?

Castigos ?divinos? e seculares têm sido procurados contra líderes no Médio Oriente ao longo de séculos, mais recentemente contra Bashar al-Assad da Síria que, segundo o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, ?não merece viver neste planeta?.

Os sauditas há muito que dizem aos americanos que ?cortem a cabeça da serpente?, a cabeça do Irão, evidentemente, mas contentaram-se, pelo menos por agora, com a cabeça do Sheik Nimr al-Nimr. Mas os gritos não fazem parar de fluir o petróleo dos poços sauditas, nem os aliados do reino de usar a linguagem do costume para desculpar os seus ultrajes.

As execuções são uma ?questão interna?, um ?passo retrógrado? talvez, e certamente foram ?acontecimentos que não ajudam? à paz no Médio Oriente. Esta verborreia clássica vem de Crispin Blunt, o presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros, horas depois das decapitações em massa.

Também declarou ao Channel 4 que ?temos de perceber quando nos envolver? com os sauditas sobre essas ?questões?. Com certeza. ?Nunca?, é a minha previsão. Afinal de contas, não é possível pôr as bandeiras a meia haste quando o último rei da Arábia Saudita morre de causas naturais, e depois ficar impaciente quando os sauditas começam a cortar os pescoços dos inimigos.

Há, no entanto, um pequeno detalhe ao qual deve atentar quem protesta e urra e berra pela última carnificina saudita, se se conseguirem acalmar o suficiente para se concentrarem num pequeno detalhe. Na resolução que estabeleceu o Conselho de Direitos Humanos da ONU, no qual os sauditas se sentam orgulhosamente, está descrito que ?os membros eleitos do Conselho devem cumprir os mais altos padrões na promoção e defesa dos direitos

humanos?.

Especificamente, a Assembleia Geral da ONU, que elege os membros que ocupam os 47 lugares do Conselho, pode, com uma maioria de dois terços, suspender os direitos e privilégios de qualquer membro do Conselho que tenha persistentemente cometido graves e sistemáticas violações dos direitos humanos enquanto membro do Conselho.

E aqui está a contradição. Ao contrário dos líderes do Ocidente, que se limitam a franzir o sobrolho e que se opõem a qualquer repreensão que seja feita à Arábia Saudita ? David Cameron, claro, assim como os seus homólogos em França, Alemanha, Itália, na verdade, em toda a União Europeia e os Estados Unidos (claro) e qualquer recipiente da generosidade saudita ?, teríamos de assistir ao voto absurdo do Irão contra a Arábia Saudita. O Irão, lá está, que terá enforcado cerca de 570 prisioneiros, 10 dos quais eram mulheres, apenas na primeira metade de 2015. São cerca de dois linchamentos por dia ? de ?criminosos? e ?inimigos de deus? ? o que ultrapassa largamente os bons velhos sauditas que estavam, apenas há dois anos atrás, a anunciar que contratavam mais carrascos oficiais. Em março, seis sunitas morreram num enforcamento em massa no Irão.

Por outras palavras, quem atirar a primeira pedra ? e isto seria literal se os talibãs ainda estivessem no poder no Afeganistão (e pode ser que regressem) ? tem de olhar para o seu próprio currículo. Ao contrário dos Estados Unidos (com 28 execuções em 2015, sem contar com ataques de dones, ?assassinatos seletivos? e outros assassinatos extrajudiciais), temos de nos lembrar que no Conselho da ONU estão defensores dos direitos humanos tão irrepreensíveis como a China ou a Rússia.

Por isso, os sauditas têm pouco com que se preocupar por parte da ONU. Ou dos Estados Unidos, da União Europeia ou do David Cameron. Até à revolução.

*Artigo de **Robert Fisk**, publicado originalmente no The Independent ^[1] a 3 de janeiro de 2016.*

Traduzido por Joana Campos para o esquerda.net.

Artigos relacionados:

Parlamento presta homenagem a ativistas curdas assassinadas ^[2]Chacina na Arábia Saudita
^[3]Arábia Saudita executa 47 pessoas e corta relações com o Irão ^[4]Iémen: ataque a hospital dos MSF faz quatro mortos ^[5]

Sobre o/a autor(a):

- Biblioteca
- Agenda
- Jornal Esquerda
- Blogosfera
- Comunidade
- Revista Vírus
- Wikifugas
- Ficha Técnica

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/nenhum-estado-tem-autoridade-moral-ou-vontade-para-atacar-esta-carnificina/40640>

Ligações:

[1] <http://www.independent.co.uk/>

[2] <http://www.esquerda.net/artigo/parlamento-presta-homenagem-ativistas-curdas-assassinadas/40564>

[3] <http://www.esquerda.net/artigo/chacina-na-arabia-saudita/40455>

[4] <http://www.esquerda.net/artigo/arabia-saudita-executa-47-pessoas-e-corta-relacoes-com-o-irao/40441>

[5] <http://www.esquerda.net/artigo/iemen-ataque-hospital-dos-msf-faz-quatro-mortos/40607>